

# **“Menino saía da praça quando foi atingido por uma bala perdida”: a cláusula temporal atípica**

**Maria Suely Crocci de Souza**

Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) - [mscrocci@unaerp.br](mailto:mscrocci@unaerp.br)

***Abstract.** This paper analyzes one of the uses of time adverb clauses introduced by *quando* (when/as), which is regarded as atypical as it does not play one of the conventional roles of satellite, background or frame but, instead, works as a figure in thematic progression. It is assumed that the time clause conveys specific meanings in the communicative context in which it is used, and that the appreciation of the sociointeractional context allows for a more detailed description of linguistic phenomena. Such a use is identified in a narrative text within which it appears as a text organizer available to the enunciator, who marks their interference in discourse and establishes themselves as the author. The results confirm the hypothesis that explanations for grammatical components ought to be looked for in discourse.*

***Keywords.** Time adverb clause; figure/ background; grammar; discourse.*

***Resumo.** Neste trabalho será analisado um dos usos das cláusulas temporais iniciadas por "quando", considerado atípico na medida que não desempenha as funções convencionais de satélite, fundo ou moldura, mas assume a posição de figura na progressão temática. Postula-se que a cláusula temporal adquira significações específicas no contexto comunicativo de que faz parte e que a consideração do contexto sócio-interacional possibilita uma descrição mais completa dos fenômenos lingüísticos. A ocorrência descrita é identificada no texto narrativo e nele constitui um recurso de organização textual à disposição do enunciador, que marca sua interferência no discurso e se instaura como autor. O resultado obtido confirma a hipótese de que é no discurso que devem ser buscadas as explicações para os componentes gramaticais.*

*Palavras-chave: cláusula temporal; figura/fundo; gramática; discurso.*

## **Introdução**

Em tese de Doutorado (SOUZA, 1996) estudei as cláusulas temporais (CT) iniciadas pelo conector “quando”. Tendo o apoio teórico da teoria funcionalista de Dik (1989), tomei como ponto de partida da pesquisa ocorrências da língua escrita do Brasil, retiradas do corpus disponível na UNESP-Araraquara. O levantamento dos dados mostrou, para fins de análise, em um primeiro momento, a pertinência da separação das cláusulas temporais de acordo com três variáveis: ordenação (orações antepostas, intercaladas ou pospostas), escopo (incidência sobre toda a oração nuclear ou sobre parte dela) e contorno entonacional (presença ou ausência de pausa entre a oração nuclear e a oração satélite).

Concluída a pesquisa inicial, observou-se que aquilo que recebera na lingüística formal, sob a perspectiva do sistema lingüístico, uma uniformidade de abordagem, quando analisado a partir da situação comunicativa, à luz da teoria funcionalista, adquiria uma multiplicidade de usos. O estudo permitiu, considerando-se as três variáveis apontadas, caracterizar funções e usos diversos da cláusula temporal iniciada por *quando*, que representaram um avanço em relação aos estudos anteriores.

Para o detalhamento de cada um desses usos tornou-se necessário o acréscimo de uma nova variável, a tipologia textual, com o objetivo de detectarem-se gêneros textuais nos quais a frequência de cada uso fosse mais acentuada. Postula-se, assim, que a cláusula temporal, por exigência do próprio discurso, adquira significações específicas no contexto comunicativo em que se insere e que a consideração do contexto sócio-interacional possibilita uma descrição mais completa dos fenômenos lingüísticos. Esse postulado apóia-se na Gramática Funcional de Dik (1989), que propõe uma teoria de componentes integrados, em que o componente pragmático condiciona os componentes sintático e semântico.

Neste trabalho será descrito um dos usos das cláusulas temporais, aqui identificado como CT atípica, com o propósito de aprofundar a análise inicial e demonstrar as hipóteses aventadas. Pretende-se transcender a descrição meramente

sintático-semântica e explicitar a situação pragmático-discursiva, o que possibilitará a explicação do uso lingüístico vinculado à situação discursiva.

## 1. Contexto sintático-semântico

Caracteriza-se, inicialmente, o que foi denominado cláusula temporal atípica (CTA), levando-se em consideração seu contexto sintático-semântico. Na tese citada (SOUZA, 1996, p. 110), a CTA foi classificada no subgrupo IV e exemplificada pelas ocorrências (1), (2) e (3), dentre outras:

(1) “... O coronel Figueiredo, depois de 1964, estava dirigindo a agência carioca do SNI **quando se preparou o dossiê de cassação do ex-presidente.**”

(2) “Nando ainda lutava com o fim da carta **quando entrou Fontoura e mais os curumins serviçais do Posto, Cajabi e Pionim.** Vinham orgulhosos.”

(3) “Segundo contava Theo Filho, uma orquestra tocava **quando um grupo de argentinos, adeptos do tango portenho, começou a dirigir gracejos aos músicos.**”

Para a descrição desse tipo de frase complexa, recorreu-se à correlação dos tempos verbais e às informações aspectuais. Dessa forma, a oração 1, oração nuclear (ON), caracteriza-se pela imperfectividade, apresentando as marcas aspectuais [+ durativo], [+ contínuo], [- limitado], [- acabado] e a oração 2, oração temporal (OT), é marcada pela perfectividade, com as marcas aspectuais [+ pontual], [+ acabado], [+ completo]. Há um estado-de-coisas (EsCo) em curso, quando outro acontece. Pode-se dizer que os EsCo são simultâneos, pois, embora apresentem diferença de extensão (a situação imperfectiva é não-limitada e não-acabada, e a perfectiva é limitada e acabada), pelo menos em um ponto eles coincidem. Esse ponto de intersecção dos EsCo é marcado na oração 2 e é posterior ao início do EsCo da oração 1. A OT marca um momento no tempo durativo da ON. Isso faz que as orações apresentem ordem fixa, sendo impossível sua reversibilidade, nos termos de Chafe (1988).

O aspecto imperfectivo associado à ON e o perfectivo associado à OT criam uma situação atípica às orações temporais, habitualmente descritas como satélites que circunstanciam as informações nucleares. A imperfectividade, tipicamente pano de fundo, transforma o EsCo da ON em cenário para o evento pontual da OT, ao mesmo

tempo que a perfectividade da OT realça esse EsCo que, passando para o primeiro plano, indica a seqüência narrativa.

O que se afirma é claramente percebido quando se contrastam as ocorrências citadas com a ocorrência (4):

(4) “A Polícia chegou a José Marcos *quando* vigiava o edifício onde mora Luís Henrique Gonçalves...” (apud SOUZA, 1996, p.113)

Esse caso ilustra a OT típica, em que a perfectividade da ON marca o primeiro plano narrativo e a OT circunstancia o EsCo nuclear (função de satélite de predicação, em Dik). É a oração 1 que marca o ponto de intersecção entre as duas situações. A oração típica caracteriza-se pela bidirecionalidade (Chafe, 1988), que, além da forma dada (ON + OT), também abona a ordem marcada (OT + ON): “Quando vigiava o edifício (...) a polícia chegou a José Marcos”. Outra observação importante em relação à OT típica é que, na forma não-marcada (ON + OT), essa frase complexa reflete a ordem não-icônica. Segundo Haiman (1985), a ordenação é denominada não-icônica quando a ordem das orações no enunciado não se relaciona com a ordem das representações dos acontecimentos no mundo real.

Desse modo, nas ocorrências citadas como atípicas (1, 2 e 3), a ordem não-marcada é obrigatória e ela, necessariamente, reproduz a ordem icônica. A perfectividade da oração 2 faz que a OT deixe de ser pano de fundo para representar o primeiro plano narrativo, perdendo, portanto, sua função de satélite.

## **2. Contexto pragmático-discursivo**

A descrição acima caracteriza dois tipos de frases complexas iniciadas pelo conector *quando*. Esses resultados sintático-semânticos constituem uma inovação em relação aos estudos anteriores, pois, enquanto a ocorrência (4) confirma a posição de satélite, típica à oração temporal, as demais ocorrências revelam um novo uso, aqui classificado como atípico porque contradiz a função de “satélite” inerente à OT.

Embora se perceba a contribuição desse estudo para a descrição da diversidade de usos das orações temporais, algumas questões de ordem discursiva ainda precisam ser esclarecidas. Se a OT pode ou não ser satélite do EsCo nuclear, quais as conseqüências discursivas desses usos? Em que contextos pragmáticos ocorrem um e

outro tipo? Se a construção atípica não circunstancia o evento, que efeitos de sentido ela produz?

Para buscar respostas a esses questionamentos, acrescentou-se à análise a variável “tipo de discurso”, que se refere ao gênero textual ou contexto discursivo que se associa aos contextos sintático-semânticos descritos. Como a análise funcionalista explica os fenômenos lingüísticos dentro de seus contextos socio-interacionais, uma forma de aprofundar o estudo foi buscar o contexto pragmático-discursivo condicionador do uso atípico das cláusulas iniciadas por *quando*. Esses contextos foram localizados em relatos, piadas, fábulas, contos e reportagens jornalísticas, todos textos de cunho narrativo. Reproduz-se, a seguir, para análise, três textos representativos do uso atípico do conector *quando*: uma piada (texto 1), parte de um relato (texto 2) e parte de uma reportagem (texto 3).

### Texto 1

*A loira e a tampinha*

*Estava a loira tentando soltar uma tampinha de uma garrafa de refrigerante com uma força tremenda, **quando** o garçom a interrompe:*

*-- Tem que torcer, senhorita.*

*Ela não perde tempo e começa:*

*-- Tampinha, tampinha, tampinha! Vai, tampinha!!!*

O texto 1 reproduz integralmente uma piada, texto necessariamente curto e que exige rapidez e imprevisibilidade no desenlace, para provocar riso. É apresentada a situação inicial (tentativas da loira de soltar a tampa), que é interrompida pela instrução do garçom. A cláusula iniciada por *quando* constitui o expediente gramatical que marca o momento da mudança, identificador do gênero narrativo, do qual a piada é um subgênero. A OT atípica, marcando a mudança narrativa, constitui um recurso muito freqüente nesse tipo de texto para preparar o desenlace imprevisto. Muitas outras situações idênticas foram localizadas em piadas: “A loira está passeando no shopping **quando** encontra uma velha amiga”; “Manuel está passeando pelo campo, **quando** vê uma placa no portão de um sítio, escrito: VENDE-SE UMA MULA.”; “Três sujeitos estavam no andaime lavando os vidros de um grande edifício, **quando** um deles deu um gemido, virou para os outros dois e disse:”.

## Texto 2

*“Ainda assim, insisti; relatei casos de crianças curadas da mesma enfermidade e descrevi os avanços recentes da oncologia pediátrica. Tudo inútil: ele olhava com descrédito, como se ouvisse o aluno adolescente deslumbrado com as primeiras experiências clínicas. No fim, considerei prepotente sua obstinação diante da tragédia que ameaçava a filha, levantei, desanimado, e me dirigi à porta:*

*-- Lamento não ter conseguido convencê-lo . Espero que o senhor tenha a humildade de ouvir outros especialistas, para não se arrepender quando for tarde.*

*(...)*

*-- Infelizmente, não sabe, professor. O senhor pode ter operado adultos com câncer de estômago, pulmão, intestino. Sarcomas são tumores raros nas crianças, o senhor não tem experiência nenhuma com eles, mas ousa discutir como se tivesse.*

*Abri a porta e dei boa-noite. Ele não respondeu, permaneceu imóvel no sofá.*

*Já estava do lado de fora, **quando** ouvi sua voz em tom abafado:*

*-- Volte, por favor.*

*A menina tinha olhos negros e usava maria-chiquinha com elásticos cujas cores variavam conforme o dia da semana. (...)* (VARELLA, Dráuzio. Por um fio. São Paulo: Companhia da Letras, 2004, p.184)

No texto 2, há uma situação estabelecida de resistência do médico-pai ao tratamento da filha. A seqüência narrativa encaminhava para a desistência do cirurgião. A cláusula introduzida por *quando* marca o momento da mudança de atitude do pai, que indica também que a narrativa tomará outro rumo: o tratamento será iniciado. A informação nova é apresentada como imprevisível, inesperada e, por isso, carregada de emoção. Trata-se de uma construção lingüística que permite ao enunciador, ao acentuar o contraste entre as duas situações – anterior e posterior – tornar o relato de suas vivências mais interessante. A situação perfectiva (iniciada por *quando*) toma o primeiro plano narrativo. Esse recurso expressivo é recorrente em outras passagens do mesmo livro de relato de experiência do autor com pacientes terminais: “As duas senhoras que nos hospedavam contaram que, na manhã do dia 6 de agosto de 1945,

cuidavam da horta **quando** ouviram uma explosão ensurdecedora, seguida de um cogumelo de fumaça escura que subiu muito alto.” (p.81); “Duas semanas antes de falecer, seu Israel estava deitado, abraçado com a namorada, **quando** a neta de quinze anos chegou sem avisar.” (p. 88); “Foi numa noite em que estava no telefone do posto de enfermagem de um dos andares, **quando** escutei um gemido de dor na enfermaria ao lado, seguido de outros mais abafados, emitidos com a sonoridade inconfundível das reações às dores mais intensas.” (p. 146).

### Texto 3

*VIOLÊNCIA Menino saía de uma praça a 150 metros de sua casa, na favela Vila Aliança, no Rio, **quando** foi atingido na testa*

#### *GAROTO DE 6 ANOS MORRE COM BALA PERDIDA*

*Atingido por uma bala perdida quando saía de uma praça a 150 metros de sua casa, na noite de sábado, o menino Lucas de Aguiar Ferreira da Silva, 6, morreu com um tiro na testa na favela Vila Aliança, em Bangu, na zona oeste do Rio de Janeiro. A polícia investiga de onde partiu o tiro que matou o garoto. (apud Folha de S. Paulo)*

O texto jornalístico, reproduzido parcialmente, é dividido em lide, manchete e corpo da reportagem. As informações da lide e manchete são retomadas no corpo da reportagem com enfoque diferente. Enquanto a lide e a manchete têm por objetivo apresentar a informação nova de forma impactante para motivar a leitura integral, a reportagem detalha os fatos e informa. No primeiro caso, a informação nova (“foi atingido na testa”) é apresentada pela CTA, enquanto, no segundo caso, a CT típica circunstancia temporalmente a informação nova da cláusula nuclear. A ordem icônica dos EsCo da lide reproduz o desenrolar dos fatos e a CTA apresenta o segundo EsCo como um evento inesperado e imprevisível. O que se observa é que a cláusula temporal atípica, mais que portadora de uma informação temporal, é um recurso de que o enunciador lança mão para imprimir impacto à narrativa e, com isso, provocar reações no leitor, prendendo sua atenção ou surpreendendo-o. Seguem outros exemplos retirados do jornal A Folha de S. Paulo: “De acordo com eles (os fotógrafos que estavam no local), Harry já estava entrando no carro **quando** voltou para a calçada e

*empurrou Uncle.*”; “A menina brincava pela terceira vez seguida na montanha-russa Space Mountain **quando** começou a vomitar e desmaiou.”

Nos três textos analisados, há dois EsCo (*a loira tenta abrir a tampa/ o garçom dá instrução; o médico-pai não concordava com o tratamento da filha/ ele reconsidera sua atitude; o menino saía da praça/ ele foi atingido pela bala*) à disposição do enunciador, que, para atender às suas necessidades comunicativas, faz uso de expedientes sintáticos como o alçamento ou o rebaixamento, ou expedientes pragmáticos como a focalização ou a topicalização. Nas ocorrências acima, a CTA foi o recurso selecionado. O primeiro EsCo é sempre descritivo, representando o cenário onde o segundo inesperadamente acontece. A novidade em relação a esse uso atípico da CT é que a informação nova, que vai dar continuidade à narrativa e mudar seu desfecho, concentra-se na CT e o cenário, que prepara o evento, está na cláusula nuclear, ou seja, há uma inversão na funcionalidade da cláusula temporal típica. Esses dados remetem à correlação dos tempos verbais descrita anteriormente (imperfectividade presente na ON e perfectividade, na OT) e explicam o emprego gramatical pela funcionalidade no discurso. O relevo dado à segunda cláusula faz que se estabeleça entre as cláusulas uma relação semântica aditiva<sup>1</sup> e que o conector *quando* passe a representar um marcador de mudança discursiva. Nesse caso, a CT indica a continuidade temática, estando o pretérito perfeito associado a “figura” e “informação nova”, diferentemente da CT típica, cuja imperfectividade está associada a “cenário”, “fundo”, “segundo plano”, “satélite”. É nesse momento que se percebe que a sintaxe e a semântica estão a serviço da pragmática.

A CT atípica constitui um recurso de organização do discurso à disposição do enunciador. Se é um recurso opcional do enunciador para provocar efeitos de sentido, constitui também uma marca de sua interferência no discurso e de sua instauração como autor do texto.

### **3. Considerações finais**

Os dados mostraram que existe um tipo especial de cláusula temporal que apresenta características opostas à cláusula temporal típica, a ponto de a CN fazer a



circunstanciação temporal e a CT desencadear a progressão temática. Subjacente a esse tipo de estruturação, como consequência da ordenação icônica e da irreversibilidade da ordem, emerge uma relação semântica aditiva, que alça a CT ao primeiro plano narrativo juntamente com a CN, aproximando a frase complexa da parataxe. Observou-se que tais estruturas só ocorrem em textos narrativos e que elas têm a função discursiva de inscrever o sujeito no discurso, marcando sua autoria.

Esse fato não é exclusivo da língua portuguesa. Estudos nas línguas italiana e inglesa também fazem menção a esse tipo de organização discursiva. Renzi (1991, p. 732) cita o exemplo do italiano:

*“Stavo per prendere il treno, quando (improvvisamente) mi accorsi che mi era stato rubato il portafoglio.”*

Halliday (1985, p. 213) aponta exemplo do inglês em que ele classifica “when” como conjunção hipotática próxima da parataxe:

*“For a minute or two she stood looking at the house, and wondering what to do next, when suddenly a footman in livery came running out of the wood.”*

Matthiessen & Thompson (1988, p. 308) mencionam exemplo de Munro, em que a ON representa o satélite e a OT o núcleo:

*“It was fairly exasperating, and my temper was beginning to let itself go by inches, when on pushing our way through an accommodating hedge we were gladdened by the sight of hounds in full cry in a hollow just beneath us.”*

Resta concluir com Dik que há um relacionamento íntimo entre as determinações do discurso e as da gramática. O “como dizer/ escrever” uma piada, um relato ou um texto jornalístico, de forma a despertar o riso, a emoção ou o impacto, condiciona a seleção de expedientes gramaticais como correlação de tempos verbais, informações aspectuais, contorno entonacional e ordenação das cláusulas. A análise lingüística associada aos gêneros e subgêneros textuais mostrou ser um caminho adequado para se compreender tais expedientes em uso e concluir-se sobre sua funcionalidade.

## **Nota**

<sup>1</sup> Esse desvelamento suscita outras questões que aqui não serão tratadas, como a fragilidade dos conceitos de coordenação e subordinação e a incoerência da classificação tradicional “oração subordinada adverbial temporal” para todos os casos.

### **Referências bibliográficas**

- CHAFE, W.L. Linking Intonation Units in Spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988, p. 1-27.
- DIK, S. C. *Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: Benjamins, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Funcional Grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985, p.213.
- MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S. The Structure os Discourse and “Subordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988, p. 308.
- RENZI, L. & SALVI, G. *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1991, p. 732.
- SOUZA, M. S. Crocci de. *A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista*. Tese de doutorado. UNESP, Araraquara, 1996.
- VARELLA, D. *Por um fio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.